

O visitante atrás das grades ¹

Doin' Time: Through the Visiting Glass

*Ashley Lucas*²

*Tradução: Kathleen Brauer*³ e *Sergio Kauffmann*⁴

Resumo

Apresenta-se aqui a tradução do texto *Doin' Time: Through the Visiting Glass*, batizado aqui de O visitante atrás das grades, dramaturgia que resultou de um trabalho a partir das memórias da própria autora e de pesquisa com familiares de pessoas encarceradas. Composta por doze quadros, o texto explora o impacto da prisão na intimidade das famílias obrigadas a lidar com o contexto carcerário.

Palavras-chave: Prisão; teatro nas prisões; dramaturgia

Abstract

Here is the translation of the text *Doin' Time: Through the Visiting Glass*, called, a dramaturgy that resulted from a work based on the author's own memories and research with relatives of people incarcerated. Composed of twelve scenes, the text explores the impact of the prison on the intimacy of families forced to deal with the prison context.

Keywords: Prison; theater in prisons; dramaturgy

ISSN: 1414.5731
E-ISSN: 2358.6958

¹ Monólogo escrito e encenado por Ashley Lucas desde 2004.

² Profa. Dra. Associada de Theatre & Drama e diretora do Prison Creative Arts Project (PCAP) na Universidade de Michigan (USA). Ela possui um B.A em Estudos de Teatro e Inglês pela Universidade de Yale e Ph.D em Estudos Étnicos e Teatro e Drama da UC San Diego. É membro da Fundação Ford, da UNC Faculty Engaged Scholars Program, and UNC's Institute for Arts and Humanities. Suas atividades de pesquisa e ensino incluem estudos sobre o teatro latino americano, teatro e encarceramento, teatro para a mudança social, e assuntos relacionados à atuação, dramaturgia e estudos étnicos.

³ Kathleen Brauer é escritora técnica e tradutora americana nascida no Brasil, ex-aluna do curso de Licenciatura em Teatro da Unirio. Filha de brasileiro que ficou anos detido no complexo penitenciário de Bangu, no Rio de Janeiro, se apaixonou pelo projeto da Ashley e a luta pela humanização dos detentos e seus familiares. Fora a área de TI, trabalha com produção musical e traduções voluntárias para ONGs e outras instituições sociais sem fins lucrativos - Kathleen.oliveira101@gmail.com

⁴ Sergio Kauffmann é ator, palhaço, professor e diretor. Formado pela Casa de Artes de Laranjeiras, CAL e estudante de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Desde 2012 é integrante do Programa de Extensão Cultura na Prisão, coordenado pela professora Natália Fiche. Foi integrante do Projeto de Extensão Enfermaria do Riso, coordenado pela professora Ana Achcar e monitor nas disciplinas Movimento e Percepção e Movimento e Composição, ministradas pela professora Nara Keiserman. Desenvolveu o projeto de iniciação científica intitulado Para uma poética transformadora. Corpo e voz do ator no teatro performativo, sob orientação de Nara Keiserman. É professor de teatro no Curso Livre de Formação Cultural do SESI/RJ, Unidade Jacarepaguá, Turma Sênior. skauffmanncosta@gmail.com

O visitante atrás das grades

Ashley Lucas

Tradução: Kathleen Brauer e Sergio Kauffmann

Introdução

Elaborada pelo tradutor: Sergio Kauffmann

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Justiça⁵, o Brasil possui cerca de 372 mil vagas em presídios e 622 mil pessoas encarceradas. Tal desproporção, portanto, evidencia apenas um dos problemas encontrados no sistema penitenciário brasileiro: a superlotação. O que é proposto enquanto política de ressocialização não corresponde à realidade da maior parte das penitenciárias brasileiras, que – levando em consideração as péssimas condições e a distribuição pouco cuidadosa de internos e celas, misturando condenados e temporários, tornaram-se um espaço propício para a cooptação de pessoas por grandes facções. O Brasil, segundo maior consumidor de drogas do mundo, não investe em políticas públicas de saúde dedicadas à redução dos impactos das drogas na sociedade, sendo elas, à cargo das políticas de segurança, a responsável pelo maior número de prisões. Tais dados comprovam a urgência de um debate sobre o sistema prisional no Brasil.

No início de 2017, quando ocorreram massacres nos presídios de Manaus, Natal e Roraima, que deixaram 130 pessoas mortas, o incômodo sobre o sistema carcerário voltou a ganhar destaque nos principais meios de comunicação e suscitou reações das principais autoridades relacionadas ao assunto. No Rio de Janeiro, onde há 50 mil pessoas encarceradas, tropas do exército têm ocupado as ruas em consequência de um acordo entre o governo do estado e o governo federal. Enaltecendo tal medida – frágil e paliativa - de controle da violência, o ministro da justiça defendeu uma “asepsia geral da cidade” e sugeriu a construção de novas cadeias. O problema da segurança pública e a crise do sistema penitenciário ganha uma nova proporção quando, mesmo sendo tão evidente, há autoridades que se contentam em aumentar o número de grades. Um problema - tal como a violência urbana - se instaura progressivamente em uma comunidade quando as circunstâncias que o criaram são ignoradas, e nem há esforços suficientes em direção a um debate efetivo sobre incorporar ações de longo prazo com o intuito de atenuar a consequências de tais situações. É improvável produzir resultados satisfatórios quando não há consciência de que é urgente engajar-se em práticas que invistam - ao menos de forma proporcional aos impactos sociais causados por certas adversidades - na mobilização de grupos e indivíduos interessados em amenizar as implicações negativas em seu meio.

⁵ Relatório descritivo e analítico produzido através do Termo de Parceria nº817052/2015, firmado entre o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), a Secretaria Nacional de Segurança Pública e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/documentos/infopen_dez14.pdf



O visitante atrás das grades
Atrizes: Ashley Lucas e Marina Coutinho. Foto: Alice Cruz

O impulso político de *O Visitante Atrás das Grades* reitera as circunstâncias apresentadas acima. A peça visa aproximar o público das famílias de prisioneiros, apresentando, a partir disso, o caos social causado pelas prisões. Essas famílias, embora não tenham sido condenadas por nenhum crime, sofrem com seus entes encarcerados e experienciam, a seu modo, o aprisionamento. Mesmo aqueles que consideram que a prisão deve ocupar-se de estratégias para aprimorar mecanismos de punição podem repensar seus preconceitos ao perceber quão intenso é o efeito do cárcere na vida de famílias e crianças.

A fim de contextualizar as circunstâncias que levaram à tradução de *Doin' Time: Through The Visiting Glass*, em português *O Visitante Atrás das Grades*, destaco a importância da universidade na proposição de projetos de extensão que desenvolvem pesquisas e ações de longo prazo e mobilizam alunos e professores a consolidar parcerias com setores da sociedade em prol de iniciativas que promovam a criação de novas perspectivas para a solução de problemas comuns. Esse é o ponto de partida para o encontro entre a professora Ashley Lucas, da Universidade de Michigan, e professores e estudantes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO.

Desde 2012 vigora um acordo de mútua cooperação entre a UNIRIO e a Universidade de Michigan. Nos últimos anos, estudantes e professores das duas universidades reuniram-se para acompanhar e debater as ações desenvolvidas em seus projetos de extensão⁶. A professora da Universidade de Michigan, Ashley

⁶ Projetos de extensão ligados à Escola de Teatro da UNIRIO e participantes do intercâmbio com a Universidade de Michigan: Teatro na Prisão, coordenação da Prof.^a Natália Ribeiro Fiche; Teatro em Comunidades, coordenação da Prof.^a Marina Henriques; Teatro Renascer, coordenação da Prof.^a Carmela Soares; Hospital como Universo Cênico, coordenação do Prof. Miguel Vellinho; Enfermaria do Riso, coordenação da Prof.^a Ana Lúcia Soares.

Lucas, diretora do Prison Creative Arts Project (PCAP)⁷, projeto que promove atividades em algumas penitenciárias americanas, tendo como público-alvo detentos, ex-detentos e seus familiares, também é autora e atriz do monólogo *O Visitante Atrás das Grades*. O espetáculo tem sido apresentado desde 2004 e fala sobre o impacto do encarceramento na família dos detentos. O texto foi construído a partir de entrevistas com familiares, ex-prisioneiros e pessoas que desenvolvem trabalhos ligados ao sistema penitenciário.

Ao final de cada espetáculo, Ashley Lucas oferece um debate ao público e discute sobre as especificidades do seu trabalho à frente do PCAP, o processo de criação do espetáculo e sua experiência como filha de um ex-detento. Após visitar a universidade americana, as professoras Natália Fiche e Marina Henriques, vinculadas à Escola de Teatro da UNIRIO, organizaram, em 2016, a apresentação do monólogo durante o *I Seminário Internacional de Encarceramento e Práticas Comunitárias* (UNIRIO) e na penitenciária masculina Evaristo de Moraes, no Rio de Janeiro. Para que a apresentação fosse viável foram necessárias a tradução e a adaptação para uma versão trilingue (português, inglês e espanhol), apresentada com a participação, como atriz, de Marina Henriques⁸.



O visitante atrás das grades
Atrizes: Ashley Lucas e Marina Coutinho. Foto: Alice Cruz

⁷ <http://lsa.umich.edu/pcap/>

⁸ O visitante atrás das grades - (Doin' Time: Through the Visiting Glass)

Ficha Técnica: Texto de: Ashley Lucas. Interprete: Ashley Lucas. Participação: Marina Henriques. Tradução: Kathleen Brauer e Sergio Kauffmann. Direção original: Joseph Megel. Direção (adaptação para apresentações no Brasil): Sergio Kauffmann. Cenário (adaptação para apresentações no Brasil): Alice Cruz. Iluminação (adaptação para apresentações no Brasil): Luan Almeida.

Participo das ações do projeto de extensão Teatro na Prisão⁹ desde 2012, tendo trabalhado em penitenciárias femininas e masculinas do estado do Rio de Janeiro. Meu vínculo com o projeto e meu interesse por intensificar os estudos e os debates acerca do tema foram as principais motivações para que eu me aproximasse do processo de tradução e adaptação do texto de Ashley Lucas, a convite da professora Natália Ribeiro Fiche. Nos responsabilizamos, eu e Kathleen Brauer, ex-aluna da UNIRIO e parceira com a expertise necessária para lidar com uma tradução repleta de expressões idiomáticas, pela versão integralmente traduzida. Na etapa seguinte, me engajei na proposição de uma versão adaptada que pudesse contemplar os elementos da versão original e sua organização cênica – tomando cuidado para que a língua não fosse um empecilho para a fruição. Eu, Marina Henriques e Ashley Lucas nos encontramos cinco dias antes das apresentações e experimentamos o que antes havíamos discutido via internet. É inegável o efeito das apresentações nas penitenciárias do Rio de Janeiro, onde tivemos a real dimensão do impacto do encarceramento nas famílias de homens e mulheres encarceradas - que afeta na maioria mulheres - dando voz, durante o debate, àqueles que convivem com a penúria do sistema prisional.

Em 2017, a convite do professor Vicente Concílio, da Universidade Estadual de Santa Catarina, UDESC, o espetáculo foi reapresentado no SESC Santa Catarina, e de volta ao Rio de Janeiro, na penitenciária feminina Oscar Stevenson. Espera-se, com a tradução integral do texto, que o interesse pelo tema - assim como para todos nós envolvidos no intercâmbio Brasil-EUA - propague discussões sobre sua urgência em nossos tempos



O visitante atrás das grades

Atores: Sergio Kauffman, a Ashley Lucas e Marina Coutinho. Foto: Alice Cruz

⁹ O projeto de extensão Teatro na Prisão, coordenado pela professora Natália Ribeiro Fiche, atua em presídios da cidade do Rio de Janeiro há 20 anos. Atualmente o projeto propõe ações em penitenciárias masculinas e femininas do Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangú, e nas penitenciárias Evaristo de Moraes e Oscar Stevenson, em Benfica. O projeto conta com a participação de professores e alunos de diversos cursos.

O Visitante Atrás das Grades

(Doin' Time: Through the Visiting Glass)
©2004

Ashley Lucas
Tradução
Kathleen Brauer e Sergio Kauffmann

- O Entrevistador -

Olá, meu nome é Ashley. Eu estou escrevendo uma peça sobre famílias de presidiários. Com mais de dois milhões de pessoas presas nos Estados Unidos hoje, sei que existem mais famílias como a minha. Eu não sabia se elas conversariam comigo, mas eu sabia que não estava sozinha.

- A Economia do Terror -

Luzes acendem sobre Nell, que senta numa cadeira dobrável de metal, bebendo uma cerveja Lone Star e usando uma camisa onde está escrito "Don't Mess with Texas". Ela canta "Me and Bobby McGee" de Janis Joplin enquanto se ajusta na cadeira.

NELL: (Cantando) Freedom's just another word for nothin' left to lose,
Nothin' don't mean nothin', honey, if it ain't free, now now.
And feeling good was easy, Lord, when he sang the blues,
You know feeling good was good enough for me,
Good enough for me and my Bobby McGee.

Quer uma cerveja, irmã? Tava só cantando um pouco de Janis e tomando uma Lone Star. Tem certeza que não quer? Tô com um monte aqui. Não vou sofrer se tiver que compartilhar o amor. Tranquilo. Se mudar de ideia, é só gritar.

Então, você anda por aí colecionando histórias de gente com parentes na prisão. Então, veio no lugar certo. Tenho muita coisa pra falar sobre o que a prisão tá fazendo com minha vida, e não é coisa boa, não. Eu não costumo ficar irritada, mas esses dias eu ando muito puta.

Como uma vez que eu fui ver minha prima Lurlene, que mora na Califórnia. Eu acho que ela se mudou pra lá porque agora que o Arnold é o governador ela acha que a porra do estado inteiro é um filme de ação. Mas vou te falar, o filme da vida dela seria uma chatice e tanto, chamado algo do tipo "Lurlene trabalha no Walmart". Não seria legal? Ir ao cinema ver uma porcaria chamada "Lurlene trabalha no Walmart", um filme dirigido pelo chefe da Lurlene, um filipino com supletivo e sem os dentes da frente. (*gargalhada*) Minhas férias na Califórnia foram muito mais interessantes que a vida da Lurlene. Não tava lá nem há duas horas, quando um cara tentou me assaltar!

Mas essas férias não eram pra ser férias, não. Eu vim visitar o Casey no fim de semana anterior e não consegui entrar porque ele tava na tranca, então fiquei bem puta, porque eu dirigi dez horas, atravessando a merda desse estado inteiro pra ver meu marido, e o cretino do guarda não me deixou entrar. Ele disse assim: "Veja

bem. Interno número 752948 está na solitária agora e você não pode vê-lo. " Mas eu liguei na segunda-feira pra avisar que eu e meus filhos viríamos, e você falou que minha visita tava aprovada. "É, mas agora ele está na solitária e ninguém vai visitar o 752948 hoje." Casey! O nome dele é Casey. Foi aí que decidi que precisava de férias. Pensei, já que eu tinha dirigido até aqui, não custava nada deixar as crianças na casa da minha irmã no fim de semana e partir pra ver a Lurlene na Califórnia.

Daí tô eu aqui visitando a Lurlene em San Diego, eu e ela estávamos tirando uma grana do caixa eletrônico pra comprar uns hambúrgueres, quando um pivete filho da puta botou uma arma na minha cara e disse: "Me dá o dinheiro todo, puta!" Fiquei olhando pra ele por um segundo antes de fazer qualquer coisa, porque eu não tava acreditando no meu azar. Tudo que queria fazer naquele final de semana era encher a cara com a Lurlene e cantar um pouco de Janis Joplin num karaokê em Tijuana, porque eu nunca cantei uma música dela internacionalmente. E lá estava aquele merdinha apontando uma arma na minha cara e tentando pegar o único dinheiro que eu ia gastar comigo mesma desde que prenderam o Casey. É isso o que eu ganho quando tento gastar o dinheiro que eu poderia usar em outra viagem pra ver o Casey.

"Passa tudo, piranha!" Eu peguei a arma da mão daquele cretinho, apontei na cara dele e falei: "Chuy", o cara nem era latino, mas estando na fronteira e tudo, achei melhor chamá-lo assim. Eu disse: "Chuy, você mexeu com a piranha errada hoje! Eu sou do Texas, e meu pai me ensinou a atirar quando eu tinha cinco anos de idade. Meu marido vai ficar trinta e cinco anos preso por assassinato, e se você achar por um segundo que eu não vou atirar nessa sua cara feia, você é maluco. Agora, você roubou mais alguém hoje, Chuy?"

E ele começou a chorar e disse: "É, peguei a carteira de um cara. Não atire em mim, maluca. Não quero morrer!"

"Não fala assim comigo, Chuy! Responde 'Sim, senhora' quando eu te fizer uma pergunta. Aquela carteira tá contigo?"

"Sim, senhora."

"Tá bom, então. Agora você vai lá e dá pra Lurlene. Vai lá. Ela não vai te machucar. Ela trabalha no Walmart e vê tipinhos como você todo dia. Quando eu mandar, Chuy, você corre pra casa e fala pra sua mamãe o que você andou fazendo. Espero que ela te encha de porrada. Agora vai!"

E como aquela criancinha corria! Quando ele foi embora, a Lurlene me levou de carro até a estação da polícia, e entregamos a arma e a carteira do cara. Lurlene e eu estávamos com muito medo andando com aquela arma. Nenhuma de nós duas havíamos segurado uma arma em nossas vidas! Eu só falei aquela merda toda pro moleque porque todo mundo acha que a gente do Texas é cowboy e maluco. Só porque o último presidente era, não significa que seja verdade sobre todos nós.

Meu marido não é cowboy coisa nenhuma. É mecânico. Bem, ele era antes... mudamos muito, nós dois, desde que ele entrou. Eu não consigo confiar nele do jeito que confiava quando ele tava em casa, porque a gente se preocupa muito um com o outro. A prisão é um lugar tão violento. Basta uma só olhada e você pode ser morto, literalmente. Tem muita dor no meu coração, muita preocupação com isso. A gente tenta colocar uma pedra nisso, tenta colocar isso numa parte da sua mente, como se tivesse uma porta que você pudesse fechar. Eu não posso contar pra ele muitos dos meus estresses em casa porque ele se preocupa comigo. Uh, e temos estresse o suficiente, nós dois, então é como se estivéssemos brincando de

atuar. Como se tudo fosse um show, e claro, da maneira que tratam a gente, não há privacidade nenhuma.

Sabe, eles censuram as nossas correspondências. Eu sinto raiva quando imagino alguém lendo as coisas íntimas que escrevo pro meu marido. Eu não tô falando de nenhuma putaria. Tô falando de coisas básicas, problemas do dia-a-dia, e mágoas, e preocupações, e as coisas felizes também. Coisas que você compartilha com o cara com quem você casou e mais ninguém, e eu sei que aqueles babacas ficam lendo cada palavra que escrevemos. De vez em quando escrevo alguma merda só pra sacanear aqueles guardas idiotas da sala dos correios. Escrevo algo como: "Oi, Casey, baby. Eu sinto tanto sua falta. Licença um segundinho: Esta mensagem é pro filho da puta preguiçoso cujo emprego é ler as cartas do meu marido. Vai procurar um emprego de verdade e para de ler as cartas dos outros! Te amo, Casey. Atenciosamente, Nell, dando uma dura neles".

Essa é uma piadinha que fazemos, sobre Nell dando uma dura neles. Você tem certeza que não quer uma cerveja, irmã? Vou abrir outra aqui pra mim. Tem dias que só preciso fazer alguma coisa além de trabalhar na loja de construção e na fábrica da Levi's. Entre meus empregos e minhas crianças não sobra muita coisa pra mim, sabe? E as coisas pequenas que costumavam relaxar, essas coisas normais, não funcionam mais. Não consigo nem assistir TV, porque é uma burrice e tanto.

Alguns anos atrás, falaram na TV que capturaram o Saddam Hussein, e que a guerra ao terror tinha acabado. Besteira. O governo nunca nem tentou lutar contra a minha guerra ao terror. A porra do governo gasta dinheiro pra caralho tentando manter a guerra ao terror. Você quer saber onde a verdadeira guerra ao terror está? É na minha casa, na minha cama à noite, quando eu não consigo dormir sabendo que o Casey pode ser espancado ou estuprado qualquer dia, e que não há nada que eu possa fazer para protegê-lo. Terror é tentar inventar algo pra falar pros meus filhos quando perguntam quando o papai vai voltar pra casa. Terror é ter que escolher entre gastar meus últimos dez centavos em gasolina pro caminhão pra ir ver o Casey ou nos sapatos que meus filhos precisam pra ir à escola. Então, enquanto o Bush tava lá gastando seus milhões e bilhões de dólares explodindo todo homem pardo que conseguia achar, eu e minha família estamos vivendo na merda de verdade aqui. É, tem dias que jogo meus braços pra cima e falo pro Senhor: "Onde diabos você está? Para aonde diabos você foi, Senhor? Porque eu tô aqui parada te esperando."

(batida)

Eu não ouço nada do cara lá de cima há muito tempo, então comecei a cantar nas horas que costumava orar. Vou cantar um pouco de Janis pra você, porque cansei de falar. Gostaria de cantar uma música de grande importância social e política. É assim:

(canta)

Oh, Lord, won't you buy me a Mercedes Benz?
My friends all drive Porsches. I must make amends.
Worked hard all my lifetime. No help from my friends.
So oh, Lord, won't you buy me a Mercedes Benz?

- Desidentificação –

Um homem bebe café e fala para um entrevistador invisível.

Eu sempre fui muito diferente dos meus irmãos. Quando sai de casa tinha 18 anos. Eu saí para me alistar na marinha e me mudei para San Diego. Eu nunca mais voltei para casa. Eu estudei. Nenhum dos meus irmãos terminou a escola. Nenhum. Nem minhas duas irmãs, nem meus dois irmãos, ninguém chegou no ensino médio. Minha mãe abandonou a escola no ensino fundamental. Eu fui o primeiro da minha família inteira, e olha que minha família é grande. Minha avó teve oito filhos; eles mais filhos. Meus primos também tiveram filhos. Eu fiz uma contagem e acho que nós somos pelo menos uns 78. Eu fui o primeiro a terminar a escola, sou um acadêmico, tenho frequentado lugares diferentes da minha cultura. Você sabe, esse tipo de separação distancia você da família.

Como eu disse, eu tenho dois irmãos e duas irmãs, e eles estavam envolvidos em umas coisas que eu não consigo nem me imaginar fazendo. Tipo, fazer parte de gangues, drogas, beber demais, essas coisas. Nós éramos próximos, mas não tínhamos os mesmos interesses. Minha mãe dizia que eu era certinho demais porque eu era gay, e esse foi o motivo de eu não me identificar com as coisas que os meus irmãos tinham se envolvido. Desde pequeno eu não tenho afinidade com essas coisas: quadilha, drogas. Mas isso sempre fez parte da cultura da minha família. Sempre alguém acabava preso. Se não era meu tio de parte de pai, era meu irmão. Foi sempre assim, uma coisa instituída. Parecia, pelo menos eu achava isso, que era o tipo de homem da minha família, como uma continuação de um estilo de vida. Eles não estavam entrando num espaço completamente estranho. Eles estavam entrando num lugar que eles tinham amigos, sabe. Eles conheciam as pessoas lá, e muitos deles eram "Chicanos". Eu nunca achei que eles estivessem indo pra um lugar completamente estranho.

Eu fui para a escola; eles para a prisão. Instituições completamente diferentes, mas talvez a minha tenha sido uma experiência mais estranha do que a deles. Eu sei que foi estranho pra minha família, porque eles ainda não entendem o que eu estou fazendo. Eles não sabem o que é graduação. Quando minha família pensa no que eu estou fazendo, eles têm um tipo de concepção do que isso é, mas eu sei que isso é um enorme buraco negro. Tipo, "que merda é essa?". Já quando eles pensam nos meus irmãos, na prisão, acho que eles têm uma imagem muito mais clara do que seja. Eu não sei se isso responde a sua pergunta.

- Viver por três –

Eu sinto um vazio o tempo inteiro. Sabe o que eu tô dizendo? Um dos meus irmãos levou um tiro, e outro foi preso na mesma noite. Aquela noite foi foda. Eu fui o único que sobrou de pé. Quando meu irmão mais velho foi morto, e meu irmão mais novo preso, eu fiquei largado no meio do nada. Sabe o que eu tô dizendo? Eu era o do meio de três irmãos. Isso é forte. Três homens do mesmo sangue, e agora sou só eu, por mim mesmo, falando pra você sobre como a minha vida está fodida.

Eu vi meu irmão mais novo uma vez desde que ele foi preso. Eles o prenderam, mas ainda não meteram medo nele, não. Não ainda. E eu disse pra ele ficar orgulhoso e não deixar ninguém provocar. Ele me disse que agora eu tenho que viver

minha vida em três direções. Eu tenho que viver minha vida três vezes mais: uma vida pelo meu irmão que tá debaixo da terra, uma vida pelo meu irmão na cadeia, e a minha própria vida. Isso é viver três encarnações ao mesmo tempo. Quando o guarda cortou a visita, eu não acreditei. Você entende o que eu tô dizendo? Eu fui no cemitério, dei um pouco de amor pro meu irmão mais velho e depois saí. Eu não tenho muita escolha. Um dos dois vai me pegar logo: a prisão ou a cova, e nesse caminho eu já sei que terei companhia. Então eu estou correndo e não vou parar até que o meu destino me pegue.

- Solidariedade –

Liberdade está na plateia com um megafone.

Liberdade: Ei! Ei! Ei! Meu nome é Liberdade, e eu quero que sejam bem-vindos a nossa terceira homenagem anual às mulheres encarceradas de Bedford Hills! Yeah! Woo hoo! Vocês damas no pátio, levantem suas mãos e deem um tchauzinho se vocês conseguem me ouvir! Muito bem! Essa é uma demonstração legal e pacífica de solidariedade de todos nós aqui de fora para vocês aí de dentro. Nós temos autorização, então os policiais não podem nos expulsar do estacionamento da prisão até três da tarde. Nós trouxemos muitas pessoas para demonstrar um pouco de amor para vocês, senhoras encarceradas. Vamos mostrar para essas meninas o nosso apoio. (para a plateia) Me ajudem! Quando eu disser “liberdade”, você vai dizer “agora”! Liberdade!

PLATEIA: Agora!

LIBERDADE: Liberdade!

PLATEIA: Agora!

LIBERDADE: Muito bem! Eu espero que as senhoras tenham ouvido isso! Nós viemos aqui hoje para dizer que vocês não estão sozinhas! Eu cumpri pena em Bedford Hills nos anos 80. Algumas de vocês devem lembrar da ala D! Está certo! Então vamos aplaudir as damas da ala D! Eu estou aqui hoje porque eu odeio estar na prisão, porque eu odeio saber que existem muitas pessoas boas que ainda estão presas. Em nome de Leonard Peltier, Mumia Abu-Jamal, Hurricane Carter, Lolita Lebrón, and Kerry Max Cook, nós estamos aqui. Nós estamos aqui em nome dos nossos irmãos e irmãs que estão no corredor da morte, em nome dos prisioneiros políticos, em nome de todas as pessoas inocentes que estão cumprindo pena, em nome de todos os prisioneiros que estão na cadeia mais tempo que deveriam. Estamos aqui hoje em nome de todos que sabem o que é perder um nome e tornar-se um número. Tenha fé. Nós estamos lutando por vocês aqui fora.

- O Pastor –

Bom dia, meus irmãos e irmãs! Que as bênçãos de Deus e a santa misericórdia estejam com todos vocês nesse belo dia! Nessa semana, como eu faço toda semana, eu estive em prisões para ministrar para nossos irmãos que estão atrás das grades. Atualmente nós também temos muitas irmãs que sofrem nas celas escuras das prisões, mas a mão do meu ministério ainda não alcança as prisões onde nossas irmãs estão detidas. Passar um tempo na prisão me deixa triste. Me deixa muito triste olhar para todos os nossos jovens que estão presos, quando poderiam estar aqui

orando conosco nessa manhã. Eu estou olhando para essa adorável congregação e não vejo nada diferente dos rostos dos nossos irmãos que estão cumprindo pena. Hoje eu quero falar com você sobre como usar a criatividade em face da adversidade. Nós enchemos as prisões nesse país, e com a ajuda de Deus, nós conseguiremos esvaziá-las! Nós só temos que usar nossa criatividade! Nós temos que usar nossos poderes criativos e o amor de nosso criador para livrarmos nossas crianças, nossos irmãos e irmãs, e nós mesmos, da prisão, onde muitos de nossa comunidade estão nesse momento.

Todo mundo espera que o futuro seja melhor, mas o futuro não vai ser melhor pela esperança. O futuro fica melhor através de planos! Porque aquele que não trabalha ativamente para assegurar sua própria liberdade, a sua inatividade colabora para seu próprio encarceramento. Quem dentre vós não tem medo de se afirmar? Quem dentre vós é corajoso, original e criativo? Quem, hoje, nesta sala, se sente pronto para lutar por sua própria independência? Quem tem a audácia, a coragem de se aventurar por lugares onde ninguém nunca esteve, para fazer o que ninguém nunca fez?!

Devemos lembrar que as nossas atitudes para com a nossa criatividade é a chave ou a fechadura da porta da realização pessoal. Alguns dos maiores homens e mulheres do mundo superaram as adversidades usando o poder de seu foco para criar o seu próprio destino! Eles foram colocados em prisões e se tornaram Malcolm X e Nelson Mandela. Sofreram abuso sexual e psíquico para destruir seus corpos e se tornaram Maya Angelou e Oprah Winfrey. Diga a ela que ela não pode escrever e ela se tornará Alice Walker e Toni Morrison. Roube seu sonho e ele se tornará Martin Luther King. Em meu estudo sobre essas pessoas que se superaram a partir de seus próprios esforços, uma atitude mental positiva e uma mente criativa são os denominadores comuns. Devemos lembrar que o passado não é igual o futuro, e o que nós fizemos no passado não é o que nós somos hoje. A vida não nos dá o que queremos; a vida nos dá o que nós somos – e se nós não estabelecermos uma referência para o que aceitamos na vida, será fácil deslizar em comportamentos, atitudes e qualidades que são muito menos do que nós merecemos. Lembre-se, cabe a nós escolher se vamos ganhar ou perder! E isso não acaba até que vencemos! Mas a criatividade será a chave que abre a porta para nosso destino!

- A Cura –

Ela pediu uma cura pelas mãos. Minhas mãos. Mamãe sempre disse que tenho mãos que curam. Consigo curar os enfermos e sarar os feridos. Consigo sugar a dor da sua cabeça ou acalmar seu coração quando ele bate rápido demais. É isso que faço muito pra mamãe. O coração dela começa a bater rápido e ela diz: "Vem cá, criança. Preciso de uma das suas mãos." E eu coloco as mãos no peito dela, logo embaixo de onde aqueles ossinhos fazem dois carocinhos, logo antes do começo do pescoço. Logo ali. Logo ali onde é só osso duro. Boto minhas mãos no peito dela e fico ouvindo o coração batendo toc-toc toc-toc muito rápido. "Respira, mãe", digo pra ela, e aquele lugarzinho de osso duro se move pra cima e pra baixo, bem devagarinho, até o coração dela entender e desacelerar, acalmando a respiração. Ai ela bota as mãos pra cima pra mostrar a Deus que ficará bem. É assim que ela agradece a Deus, e daí me agradece beijando o topo da minha cabeça.

A cura não funciona de jeito nenhum na Mamãe. Consigo fazer em praticamente qualquer pessoa, desde que consiga botar as mãos nela. Eu sinto quem precisa de cura. Meu coração dói, e fico com um vazio na barriga, como se eu fosse uma coluna de ar, como se tivesse um espaço dentro de mim, que nem um oceano conseguiria encher. E não me sinto bem até que eu faça a cura. Tô com esse sentimento vai fazer cinco anos, desde que pegaram meu papai. Na maioria das vezes eu sei quem precisa de cura, e simplesmente pego a estrada até encontrar alguém que precise de mim. Eu sei onde meu pai está, lá naquele lado, e o vejo uma vez por mês. Só não consigo fazer minha cura porque não posso botar as mãos nele. Sento na sala de visita com a Mamãe e o vejo precisando da maior cura que eu já fiz. Boto a mão no vidro, e ele também. Mas eu só sinto o frio. Não tem nada mais gelado do que aquele vidro na sala de visita e aquele telefone plástico na sua bochecha... e começo a achar que tem algo errado comigo porque aquela sala de visita gelada é o lugar que mais amo estar no mundo inteiro. É o lugar pra onde sempre tento voltar. Acho que é aquela parte do meu pai que dói, que me chama, que fica me chamado de volta o tempo inteiro pra eu não querer ficar em nenhum outro lugar. Acho que vou ter que ficar voltando lá até que eles o deixem ir embora... pra eu poder curá-lo. Mas quem vai vir quando eu precisar de uma cura pelas mãos?

- Soledad –

Soledad está recolhendo brinquedos jogados por volta do palco e dobrando roupas. Seu rádio toca uma música do José Feliciano. Uma batida na porta. Ela desliga o rádio e atende a porta. A pessoa na porta nunca é vista, somente ouvida em off.

SOLEDAD: Hola. Sí. Claro. Entra. Senta. Senta aqui. Disculpame por favor. Eu estava só arrumando a casa antes de você chegar.

Tenho apenas um filho: un hijo con cinco anos agora. Ele está na outra sala assistindo TV. Não falamos pra ele a verdade sobre seu pai porque ele é novo demais. Eu o levo comigo quando visito o Mauricio na prisão. Falamos pra ele que seu papá está na escola e que ele virá pra casa quando ele. . . ¿como se dice? se gradua. Ah, sim, quando ele se formar.

Eu visito meu marido toda semana. Levo meu filho para ver o Mauricio porque quero que ele conheça seu pai, e quero que o Mauricio conheça o Miguelito. Pero no lo conoce bien. Como se fosse possível conhecer alguém atrás de uma mesa de madeira e apenas nos fins de semana. Por enquanto é o melhor que posso fazer pelo meu filho.

Para a gente é muito diferente agora. Antes dele ser preso, a gente estava começando a nossa vida. Eu e o Maurício trabalhávamos muito. Es chicano mi esposo. Ele nasceu em Chula Vista, então quando a gente casou, virei residente. Aí eu engravidei e nós fomos muito felizes juntos. Mas eu estava sozinha quando eu tive meu filho. Mauricio foi preso três dias antes de Miguelito nascer, e não tive ninguém pra me ajudar. Toda mi familia estaba en Mexico. Estaba bien solita, e a família do meu marido não me ajudou. Eles nunca quiseram que ele se casasse comigo. Me llamaban una mojada desgraciada. Agora eu tenho encontrado com eles porque eles querem ver o Miguelito, então me ajudam às vezes. Trabalho todos os dias de manhã cedinho até às 4 da tarde, e mi suegra leva o Miguelito para a escola e traz ele pra mim no trabalho à tarde. E daí a gente volta pra casa juntos, meu filho e eu, e

jantamos, e eu o coloco pra dormir. Essa é a hora que me sinto mais sozinha. Penso no meu marido e o quanto ele está mal porque no tenemos nignun idea de cuando va salir de la carcel. Ele pegou uma prisão perpétua, e isso afeta a minha vida e a do Miguelito.

Maurício vai contar a verdade pra ele assim que o Miguelito fizer sete anos. Até lá ele precisa saber. Ele vai recomendar que Miguelito não confie em ninguém. Maurício está na prisão porque ele confiou nas pessoas. Pessoas que ele achou que fossem seus amigos. Agora a gente não confia em ninguém. Não tenho mais amigos desde que o Maurício foi preso, e é melhor assim porque quero que o Miguelito aprenda que ele não pode confiar em ninguém além de mim e do seu pai. Ele não pode confiar em ninguém além de nós dois porque ele poderia ir pra prisão também.

Eu penso no meu marido à noite enquanto mi hijo dorme. Fico ouvindo música e pensando no meu marido e quanto amor eu tenho que dar pra ele quando ele chegar em casa. Imagino meu marido comigo e o que faremos cuando regrese.

- Casada com o Silêncio

Eu nunca imaginei casar com alguém que acabaria na prisão. Quando Eddie e eu começamos a namorar, ele aparecia no escritório onde eu trabalhava e começava a cantar. Eu tentava calar a boca dele, porque todas aquelas senhoras brancas do meu escritório iam pensar que ele estava louco. Eu fui a primeira negra que a maioria daquelas pessoas conheceu, então o Eddie parado na frente da minha mesa cantando Marvin Gaye assustava todo mundo. Às vezes eu tinha que sair do trabalho mais cedo para tirar ele do escritório. Ele continuava cantando como se eu fosse a única pessoa no mundo capaz de ouvir, e sua voz dançava como pingos de chuva caindo no meu rosto.

Há três anos que eu não falo com o meu marido. Ele está numa prisão federal, eles o mandaram para algum lugar do outro lado do país em New Jersey. Eu não tenho como pagar essa viagem pra visitar. Eu sei o que você está pensando. Você tá pensando que eu poderia arranjar dinheiro pra visitar se eu realmente quisesse, que eu, como esposa dedicada, devia encontrar uma maneira. Mas não é só pelo dinheiro, é pelo tempo também. As pessoas iam saber o que eu estava fazendo se eu tirasse folga do meu trabalho pra ir até lá. E eu não posso deixar isso acontecer. Eu sou a única mulher negra no escritório, e eles estão de olho em mim. Se eles souberem que meu marido está preso, vou parecer mais estranha do que eu já sou. Eu me recuso a passar o resto da minha vida sendo taxada de coitada e odiada por uma coisa que eu não fiz, porque eu sou esposa de um detento. O que eu posso fazer se me apaixonei pelo homem errado?

Olha, eu ligaria pra ele se eu pudesse, mas eu não posso fazer isso. Ele pode me ligar a cobrar, mas não vai fazer isso porque sabe que eu não posso pagar. As chamadas a cobrar da prisão custam muito mais do que no mundo livre. Você vê, as companhias telefônicas sobem os preços porque sabem que as famílias dos detentos vão pagar. A única alternativa é o silêncio. Meu Eddie escolheu o silêncio. Ele não quer escrever carta. Eu escrevi pra ele primeiro, mas o que você faz com um homem que não quer te responder? Eu deveria passar o resto da minha vida escrevendo para o nada? Ele quer se divorciar de mim pra eu seguir minha vida. Ele diz que eu mereço um homem que fique comigo todos os dias. Ele tem até um advogado, lá no presídio, que me enviou esses papéis do divórcio, mas eu não assinei. Estão escondidos numa

gaveta...eu não tenho coragem de assinar. Eu amo o Eddie, mas isso não é casamento. Eu só não sei se posso suportar esse silêncio por muito tempo.

- Aguardando a Visita –

Uma mulher com quatro filhos entra na sala de espera ao lado da sala de visita da penitenciária. Ela está se recuperando após ser revistada ao entrar na prisão. Ela senta para esperar e, após um tempo, alguém que não vemos nem ouvimos se dirige a ela. Sons de conversas caladas, risos e vozes de crianças tocam no fundo.

LUCY: Não há cadeira o suficiente para todo mundo sentar junto. Johnny, você vai pra lá e leva o Andy contigo. Não ligo se você o odeia. Ele é seu irmão, e vocês têm que sentar juntos. Ollie, você senta aqui do meu lado. Senta Annie. Você quer ficar bonita pro seu pai? Não coloque o vestido na boca. Isso é nojento.

Perdão? Ah. Eh... isso depende. Que tipo de visita você vai ter: regular ou com contato? Você nunca veio aqui antes, né? Uma visita regular é quando ele senta do outro lado do vidro, e vocês falam com ele por um daqueles telefones. Para esse tipo de visita, eles chamam o nome dele assim que ele tiver numa das cabines e levam vocês pra lá. Se você tiver uma visita com contato, você vai pra uma daquelas mesas ali, e ele vem daquele canto pra te encontrar. Se você não sabe o tipo de visita que você terá, provavelmente será uma regular, então é só esperar ouvir o nome dele ser chamado.

(batida)

Claro. De nada. Sem problema. Sei como a primeira vez é difícil. Tá esperando quem? Ah, seu filho. Fica quieto, Ollie. Você está me enlouquecendo. Então você está esperando seu menino. Difícil. Estamos aqui pra ver o meu marido Randy. É ruim demais ter um marido aqui dentro. Não consigo nem imaginar se fosse um dos meus filhos. Eu já tinha esses dois meninos antes de conhecer o Randy, e o Randy já tinha Ollie aqui. Eu estava grávida de nove meses da minha pequena quando o Randy foi preso. É. O nome dele na verdade é Oliver, mas eu o chamo de Ollie pra ele se sentir como um de nós. Meu marido é Randy. Sou a Lucy, e esses são o Johnny, Andy, Ollie e a Annie. Essa é a nossa familiazinha.

(batida)

Uh? O tempo que você tem depende da distância do lugar de onde você vem até aqui. Se você veio de 600 quilômetros daqui, você terá uma visita de quatro horas hoje e a mesma coisa amanhã. Se você veio de um lugar mais perto, então você tem só duas horas hoje e nada amanhã. Ah, bom! Bom. Você tem a visita longa, então. Isso é bom. A curta é tão curta, sabe? A primeira visita é sempre a pior. Pode perguntar pra qualquer um. Eu estava tão apavorada. Depois de ser toda revistada pelas guardas, me senti como uma criminosa também, e vê-los fazerem isso nos meus filhos pela primeira vez, meu Deus! E eu estava com a Annie com só alguns meses, e você não pode levar uma mamadeira com leite para a visita. Só sentei e chorei. Não conseguia olhar pra ele sem lágrimas. Não queria que fosse desse jeito, o primeiro encontro, com sua filha recém-nascida. Tudo que consegui fazer foi colocá-la no vidro pra ele olhar. Eu e os meus meninos choramos a viagem inteira de volta pra casa.

Andy, não chute seu irmão. Se você não parar com isso agora, vou te deixar aqui na prisão quando a gente for pra casa! Crianças. Essas visitas longas são difí-

ceis porque eles têm que ficar sentados por muito tempo. Sabe, a gente dirigiu seis horas pra chegar aqui. Aí a gente espera meia hora pra eles trazerem ele aqui pra visita, e aí sentamos e “visitamos” por quatro horas. Depois eu e as crianças vamos até o motel mais para o final da rua, depois repetimos tudo de novo e voltamos pra casa. Tudo que as crianças fazem durante o fim de semana inteiro é sentar. Sim, Annie, não fique em pé na cadeira. Você vai cair e quebrar a cabeça antes do seu papai te ver. Vai sentar no colo do Johnny. Vai lá. A mamãe está tentando ter uma conversa adulta com essas pessoas bacanas. Sinto muito. Você parece apavorada aqui dentro. Eu não devia ter falado todas essas coisas. Fica mais fácil com o tempo, sim. Você aprende como as coisas funcionam, e aí o drama todo da visita não é tão intimidador. Johnny, não dá esse chiclete pra ela! Ai, meu Deus. Dá isso aqui. Dá tudo isso. Você também, Andy, agora. Eles vão expulsar a gente daqui por causa de vocês dois antes mesmo da visita começar. Desculpa por isso. É só porque se eles te pegam com chiclete, eles tiram sua visita. Os presos não podem ter chiclete porque podem enfiar nas fechaduras. Já vi pessoas perderem sua visita por muito menos.

Voz em OFF: Sandoval. S-A-N-D-O-V-A-L. Sandoval.

LUCY: Acho que são vocês. É só seguir aquele guarda que chamou seu nome. Boa visita pra vocês. Foi bom conversar. Para com isso, Ollie! Fica quieto. Daqui a pouco é nossa vez.

- Deus é Prisioneiro -

Meu irmão é artista. Ele desenha e pinta, mas a maioria do tempo ele faz grafite. Agora ele vai ficar sete anos — por grafitar. Já imaginou? Sete anos da sua vida por um crime onde ninguém se machucou. Deixar ele na prisão ajuda a alguém? O dono da parede que ele pichou? Porra! Teria ajudado muito mais se o tribunal tivesse colocado ele no serviço comunitário e mandado limpar a parede pichada.

Acho que eles o prenderam porque ele é sabichão. Vimos um mural uma vez, quando éramos crianças, escrito: “Deus é mexicano,” e o Danny, meu irmão, amou essa merda. Quando voltamos pro Phoenix, ele começou a escrever isso em tudo que era parede. Deus é uma Chicana. Dios es un mojado. Deus é favelado. Deus bebe no Tito’s. Ele ficou anos fazendo isso. Era muito bom, também. Ele não apenas pintava as palavras. Tornava-as lindas.

Fomos criados como católicos, mas minha mãe não era tradicional. Levava a gente pra igreja todo domingo, e orávamos como todo mundo, mas durante o resto da semana a mãe falava com Deus como se fosse seu compadre ou algo assim. Ela falava com Ele como se ele estivesse logo ali lavando a louça e as roupas com ela. Ela também sentia raiva Dele, mas depois se desculpava. Ela dizia: “Perdoname, Diosito. Desculpa, mas estava com raiva de você hoje de manhã por ter mandado chover no dia da primeira comunhão da Lolita, pero agora eu percebi que você mandou o tempo ruim para a ventania levantar o vestido horroroso da Doña Violeta pra cima da cabeça dela na escada da igreja, para puni-la por ser una vieja chismosa. Agora que seu plano foi revelado pra mim, peço desculpas por ter gritado contigo e por ter roubado cinco hóstias extras, porque tenía hambre durante la misa. Ya no quiero hablar más de eso.”

De qualquer forma, crescemos tendo uma relação incomum com Deus por causa da minha mãe. Mas aí vários amigos dele foram presos, e se o Danny estivesse com eles àquela noite, ele teria sido levado também. Isso assustou ele, mas ele con-

tinuou pichando: “Deus dança capoeira” e “Deus é um imigrante ilegal,” e passou a escrever todos os nomes dos amigos. Aldo Gutiérrez está preso. Israel Cienfuegos está preso. Freddie Ramírez está preso. No dia que a polícia o pegou, ele estava escrevendo: “David Archuleta está preso. Deus está com ele. Deus é prisioneiro.”

O Danny tentou correr quando viu a polícia, mas eles o pegaram. Três deles bateram nele até ele ficar com traumatismo e quebraram sua mão direita, tanto que ele não escreve mais tão bem. Mamãe parou de falar com Deus por uma semana, e agora o Danny escreve cartas com uma letra bem esquisita. No final, embaixo da sua assinatura, ele sempre escreve: “Deus é um prisioneiro.”

- Fotografando –

Meu nome é Byron. Tenho 41 anos e sou fotógrafo profissional. Eu fui fotógrafo de jornal por um tempo, mas desisti porque eu não conseguia tirar os tipos de fotos que esses jornais queriam. Eu não estou mais interessado nesse tipo de foto. Comecei a fotografar com 17 anos, quando os meus pais foram presos. Meu pai estava vendendo drogas, e minha mãe foi presa porque guardava as drogas pra ele. O engraçado é que a pena dela foi maior que a dele, porque ela era a única que estava carregando drogas quando eles foram presos. Minha mãe está na prisão até hoje.

Então, como eu disse, eu comecei a tirar fotos quando eles foram pra lá. Eu fui morar com os meus avós de parte de mãe, na Filadélfia, e perdi todos os laços com os meus amigos de Chicago. Quando eu era mais novo, eu não era nenhum santo, mas minha avó me endireitou rapidinho. Vovô me deu uma câmera velha que ele comprou numa casa de penhores e disse pra eu começar a tirar fotos de todo mundo pra enviar pra mamãe. Foi assim que eu comecei.

(Um slide de um rosto de uma pessoa aparece no fundo)

Rapidamente eu já estava trabalhando no jornal da minha escola, fazendo todas as fotografias.

(Troca o slide)

Mas o trabalho mais interessante eu fiz na rua. Eu fiquei fascinado pelo rosto das pessoas.

(Troca o slide)

Eu não conseguia visitar meus pais mais do que duas vezes no ano: uma vez no natal e outra no verão. Eu tinha que escolher qual deles eu queria ver.

(slide)

Porque eles só permitem visita nos fins de semana, e eu não tinha condições de ir, na mesma semana, de um lado de Illinois ao outro pra visitar os dois em prisões diferentes.

(slide)

Meus avós sempre quiseram que eu fosse visitar minha mãe, porque ela era filha, então eu encontrei com ela mais vezes. Eles culpam o meu pai por tudo e o odeiam por ter colocado a filha deles na cadeia.

(slide)

Eu sinto uma coisa diferente sobre meu pai. Não sinto orgulho, mas é meu pai. Você não pode deixar de pertencer ao outro quando você é da família.

(slide)

Ele foi assassinado numa rebelião. Os guardas usaram arma de fogo contra os detentos. Meu pai e um outro prisioneiro foram assassinados, outros três ficaram feridos.

(Sem slide)

Depois disso eu não consegui mais tirar fotos do rosto das pessoas. Eu não conseguia olhar nos olhos das pessoas e não pensar que todos nós, de alguma maneira, conspiramos para formar essa sociedade, esse governo, esse sistema de "justiça injusta". Minhas fotografias mudaram. Eu comecei a cobrir processos judiciais. Todo mundo quer ter uma foto do acusado, e eu não queria fazer. A mídia convence a maioria das pessoas, antes mesmo do júri decidir, e eu não queria fazer parte disso. Eu não estava interessado nos crimes e nos procedimentos judiciais tanto quanto nos corpos dos acusados e suas famílias. Eu observava quando os corpos demonstravam tensão e tentava enxergar como as pessoas mudavam quando elas passavam pelo tribunal.

(slide de duas pessoas no tribunal de Dallas)

Essa é uma foto que eu tirei de um homem acusado de matar a mãe. Aquela do lado dele é a esposa. Eles estão no corredor do tribunal esperando o veredicto. Eu amo essa foto, porque essas pessoas tinham dignidade. Você não viu essas pessoas abaladas em público, não importa se foi feio no tribunal. Esse casal foi forte porque se apoiaram um no outro. O júri demorou pra decidir esse caso, seis ou sete dias, e quando eles voltaram, ele foi considerado culpado e condenado a 35 anos de prisão. Eu nunca acreditei que aquele homem fosse culpado, mas ninguém me perguntou. Ele ainda tá cumprindo pena. Essa é a última imagem desse homem em liberdade.

(Troca o slide)

Meu projeto agora é com famílias. Eu fiquei pensando sobre as pessoas que são deixadas de lado quando alguém vai pra prisão e como a ausência muda o formato da família.

(Troca o slide)

Onde você colocou seus braços quando a pessoa que você costumava abraçar a noite foi embora? Como você fica quando não pode mais se apoiar na sua mãe? Como uma criança vai para escola e atravessa a rua agora que seu pai não está mais lá pra segurar sua mão?

(Troca o slide)

Não é como a morte de alguém, que você chora a sua passagem e aprende que a vida não vai trazer essa pessoa de volta. Você vive diariamente com uma ausência concreta, sabendo que as pessoas que você ama estão vivendo e respirando numa caixa de cimento, que eles estão vivos e num lugar onde eles não se sentem bem. A "justiça injusta" destruiu a identidade dos meus pais e eles estão longe de serem os únicos, porque existem muitas histórias que ainda não foram contadas.

- A Verdade Revelada -

Nell entra caindo em cena, ainda bêbada. Ela agora veste uma blusão velho, grande demais, aberto sobre a camiseta "Don't Mess With Texas." Ela gesticula com um cigarro ainda não aceso.

Escuta aqui, irmã, você tem que começar a beber. Você é tão chata sem bebida. Viva um pouco, garota! Se divirta um pouco! Você tá na faculdade. Não é pra estudante ficar bebendo e dançando o tempo inteiro? Eu, eu não danço nada. Um pouco de Texas Two Step, mas não tão bem. Quando eu e Casey dançávamos, eu

jogava os meus braços ao redor do pescoço dele e deixava ele me levar para aonde ele quisesse. Não era nada elaborado, mas eu realmente gostava da sensação de segurar nele, descansando minha cabeça no seu peito, sentindo o calor do corpo dele através de uma das suas camisas do trabalho. Meu Deus, eu amo aquele cara.

Mmm hmm. Adoro fumar. Não, não sou tão burra quanto pareço. Sei que não tá aceso, mas gosto de ficar segurando. Minha tia Ida Mae morreu de câncer de pulmão, e minha tia Loma e o tio Thurman morreram de inalação de fumaça quando sua casa pegou fogo durante a noite enquanto dormiam. Então eu sei o que a fumaça pode fazer. Nunca fui fumante de verdade, mas o Casey foi. Ele fumava que nem uma chaminé e tinha cheiro de cinzeiro. Eu não suportava. Na primeira vez que me beijou, a gente tava no Beco da Cerveja com os irmãos Reynolds, então o Casey me puxou pra perto e me beijou macio e molhado. Eu tava bem bêbada, então levei um minuto pra perceber o quanto ele gostou, e o quanto era ruim o gosto dele. Quando fiquei lúcida, empurrei o babacão pra longe de mim e falei: "Que porra é essa que você tá tentando fazer? Você tem o gosto da morte comendo um biscoito, e prefiro beijar o cu de um burro, que com certeza teria um gosto melhor do que o seu. Se quiser me beijar, vai ter que parar de fumar e tomar um banho por semana, precisando ou não." Ele deve ter pensado que eu tava brincando, porque ele ficou tentando me beijar naquela noite, mas quando ele percebeu que eu tava falando sério, ele parou na hora e, olha só, duas semanas depois eu estava grávida. Não é engraçado?

Ele parou de fumar, mas ainda gostava de segurar um cigarro na mão sem acender nem nada. Ele só gostava de sentir na sua mão.

Comecei a fumar quando June, nossa bebezinha, fez três anos. Quatro meses após a sentença do Casey. Ela me disse que o que queria de aniversário era ter o Papai na sua festa. Isso partiu o meu coração em um milhão de pedacinhos. Eu nunca desapontei meus filhos nos seus aniversários. Então, no dia do aniversário, botei as botas do Casey, uma das suas camisas, e dancei até a varanda da frente, agindo como se fosse ele. E disse: "Feliz aniversário, Jujuba! Papai tá aqui pro seu aniversário". Por um minuto foi um silêncio horrível e ninguém falou nada. Aí minha bebezinha June disse: "Papai! Papai veio pra casa, pra minha festa!" E jogou seus braços em volta do meu pescoço como ela faz quando vê o pai.

Tô começando a sentir como se tivesse duas personalidades ou alguma bosta dessas. Porque agora faço essa cena mais ou menos a cada duas semanas. Parece deixá-los mais tranquilos, mesmo que seja estranho. Eu faço isso quando eu sinto muita falta dele. Depois de quase dez anos dele preso, eu fico com o que eu posso.

(Canta.)

Inside the walls of prison, my body may be, but the Lord has set my soul free!

Desculpa, Janis! Sei que prometi que dedicaria minha carreira musical apenas para as suas músicas, mas o Johnny Cash entra de fininho na minha alma às vezes. Não consigo evitar. É a música Folsom Prison Blues – o blues da prisão Folsom.

(Canta.)

Inside the walls of prison, my body may be, but the Lord has set my soul free!

Johnny fez a coisa certa pros caras lá de dentro, mas pra gente aqui de fora, é o oposto. Meu corpo pode ir pra aonde quiser, mas minha alma fica presa com o Casey. Eu estou tão presa. Estou tão fudida. Quer saber o que é foda? Toda aquela

merda que te falei mais cedo sobre ser assaltada e escrever cartas pros guardas na sala de correios. Inventei tudo aquilo. Inventei tudo isso, porque queria que fosse verdade. Queria que alguém tentasse me assaltar, porque eu acabaria com aquele filho da puta. Ele não seria a pior coisa que já aconteceu comigo. Porra, ele não seria nem a pior coisa que aconteceu comigo hoje. A pior coisa que acontece comigo todos os dias é que meu marido não pode vir pra casa. Todos os dias é a mesma merda. Isso é foda. Mas ainda tô de pé. Tem dias que acho que o cara lá de cima simplesmente me deu mais do que consigo aguentar, mas eu aguento. Mas do que aguentar eu entro na luta.

Ela canta a música das Dixie Chicks "*Lullaby*" enquanto tira a fantasia de Nell e guarda os objetos.

They didn't have you where I come from.

Never knew the best was yet to come.

Life began when I saw your face,

And I hear your laugh like a serenade.

How long do you want to be loved?

Is forever enough, is forever enough?

How long do you want to be loved?

Is forever enough? Cause I'm never, never giving you up.

A Entrevista

ASHLEY: Oi, meu nome é Ashley. Sou aquela que te ligou sobre a entrevista. Estou escrevendo uma peça sobre famílias de presidiários. Meu pai está preso, e espero que você possa compartilhar a sua história comigo. Então, se não se importar, é só falar lento e claramente para o microfone. Quem da sua família está preso?

---FIM---

Recebido em: 14/10/2017

Aprovado em: 14/10/2017